

Elba Cristina da Silva Lustosa

A FAMÍLIA COMO ESPAÇO GERADOR E CUIDADOR EM PLENA CRISE
ECOLÓGICA NA VISÃO SISTÊMICA

Palmas - TO

2015

Elba Cristina da Silva Lustosa

A FAMÍLIA COMO ESPAÇO GERADOR E CUIDADOR EM PLENA
CRISE ECOLÓGICA NA VISÃO SISTÊMICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.Sc. Wayne Francis Mathews.

Palmas – TO

2015

Lustosa, Elba Cristina da Silva

L972f A família como espaço gerador e cuidador em plena crise

ecológica na visão sistêmica / Elba Cristina da Silva Lustosa /

Palmas, 2015

40 fls.

Orientação: Profo Wayne Francis Mathews

TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) Psicologia - Centro

Universitário Luterano de Palmas. 2015

1. Família. 2. Pensamento Sistêmico. 3. Crise ecológica. I.

Mathews, Wayne Francis. II. Psicologia .

CDU: 159.9.07

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo – CRB-8/298

Elba Cristina da Silva Lustosa

A FAMÍLIA COMO ESPAÇO GERADOR E CUIDADOR EM PLENA CRISE
ECOLÓGICA NA VISÃO SISTÊMICA

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado e apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.Sc. Wayne Francis Mathews.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.Sc. Wayne Francis Mathews

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof.a M.Sc. Cristina D’Ornellas Filipakis

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof.a M.Sc. Carolina Santin Cótica

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Palmas – TO

2015

DEDICATÓRIA

À minha mãe e aos meus avós por seu amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

EPÍGRAFE

“Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação

externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais”.

Papa Francisco

RESUMO

LUSTOSA, Elba Cristina da Silva. **A família como espaço gerador e cuidador em plena crise ecológica na visão sistêmica**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, pelo Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2015.

No âmbito das relações entre sociedade e meio ambiente, o presente trabalho propõe uma reflexão acerca da família como espaço gerador e cuidador em plena crise ecológica na visão sistêmica, tendo como objetivo principal descobrir como a visão sistêmica pode contribuir para auxiliar a relação da família com a natureza. Para tanto, a fim de proporcionar bases para uma análise informada, é preciso identificar as contribuições do pensamento sistêmico para as relações humanas, bem como identificar a (co) responsabilidade familiar no cuidado com a natureza. Esta pesquisa consiste numa revisão teórica acerca da temática e enseja em sua abordagem a utilização do método qualitativo, explicativo, de procedimento bibliográfico. Neste sentido, buscam-se subsídios teóricos em diversos autores para melhor delinear os desafios encontrados na complexidade dos sistemas vivos.

Palavras-chave: Família. Pensamento sistêmico. Crise ecológica.

ABSTRACT

Regarding the relationship between society and environment, this study proposes a reflection on family as a generating and care-giving space in the midst of a full ecological crisis, within the systemic approach, having as main objective figuring out how the systemic approach can contribute to help family relationships with nature. To this end, in order to provide grounds for an informed analysis, it becomes necessary identifying the contributions of the systemic approach to human relationships and identifying the (co) responsibility of the family in the care for nature. This research consists of a theoretical review concerning the theme and in its approach entails the use of a qualitative and explanatory method, and a bibliographic procedure. In this, respect are sought theoretical elements by different authors to better outline the challenges encountered in the complexity of living systems.

Keywords: Family. Systemic approach. Ecological crisis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AELBRA Associação Educacional Luterana do Brasil.

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas.

CEULP Centro Universitário Luterano de Palmas.

ONU Organização das Nações Unidas.

SCIELO Scientific Electronic Library Online.

TCC Trabalho de Conclusão de Curso.

TO Tocantins.

ULBRA Universidade Luterana do Brasil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO E LITERATURA	15
2.1 O Pensamento Sistêmico e a Família	15
2.2 Breve Retrospectiva Histórica da Crise Ecológica	20
2.2.1 Gravidade da Crise Ecológica	22
2.2.2 Família como formadora do Ser Ecológico	24
3 DO PERCURSO METODOLÓGICO	27
3.1 Procedimento	27
3.2 Dos Materiais e Instrumentos	27
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES	29
4.1 Contribuições do pensamento sistêmico para as relações humanas	29

4.2 A (Co) Responsabilidade Familiar no Cuidado com a Natureza	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6 REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, verifica-se em todo o mundo diversos indicadores apontando para um aumento do desequilíbrio ambiental. Nesse ínterim, a crise ecológica não só ameaça à manutenção do equilíbrio humano/ecológico, como também as suas possíveis soluções (MORIN, 2003). O aspecto negativo dessa observação em prol da problemática ecológica exerce influência sobre o sistema familiar, aqui compreendido como uma estrutura complexa, instável e intersubjetiva (VASCONCELLOS, 2006).

Este trabalho busca compreender a importância da família como um espaço gerador e cuidador na atualidade, e problematiza sobre a complexidade que se dá no cerne dos sistemas. A família é a mesma em qualquer lugar, porém ela nunca permaneceu estática, ao longo de sua história ela está sempre mudando, por isso, tamanha é sua importância no processo de formação e desenvolvimento do ser humano. A família é o sistema que atende a dupla demanda de dar pertencimento e, ao mesmo tempo, permitir a autonomia de seus membros (BARRETO, 2008). É no espaço familiar que se estabelecem as relações fundamentais para o desenvolvimento humano. Aqui ampliamos a concepção do conceito de família, para abranger também as transformações que as instituições familiares sofreram na contemporaneidade, rompendo com a predominância do modelo nuclear até metade do século passado.

Ao contextualizar a crise ecológica contemporânea como uma herança sociocultural, ressalta-se como a visão sistêmica pode contribuir para auxiliar a inter-relação da família com a natureza, e assim poder refletir sobre a temática homem/ecológico. Na atualidade, parece que cada vez mais o sujeito vale aquilo que possui ou que é capaz de adquirir, a humanidade não se reconhece como iguais e com isso, deixa de ter uma participação consciente na vida.

Wolkmer e Paulitsch (2011) definem a crise ecológica contemporânea como uma interação entre o ser humano e o meio ambiente e lamenta que a mesma seja sempre baseada nas relações de mercado. Por esta razão é que as autoras convidam ao despertar para uma consciência global. Este despertar possibilita o cuidado recíproco e gera responsabilidade pelo processo evolutivo.

No ato de refletir sobre todas estas questões envolvendo o ser humano e seu meio, lança-se mão de uma ciência que é capaz de falar dos sentimentos e

13

emoções, medos, aceitação, comodismo e outros, denominada de psicologia. Ela nos remete a ter esperança, a renovar a psique, a reforçar o poder de resiliência dos sistemas e a acreditar na capacidade que cada ser possui na sua individualidade e coletividade.

O pensamento sistêmico trabalha com as pessoas, relações e sistemas humanos, visto que o sujeito é sempre referido por um sistema e sua matriz de identificação é a família (SAWAIA, 2008). O foco dessa abordagem é a organização dos sistemas dentre si e para com os demais, ou seja, o todo deve ser relacionado a uma organização capaz de tencionar a temática da Ecologia como uma nova compreensão da Natureza (MORIN, 2003; CAPRA, 1996).

Partindo da premissa de que o ser humano integra e interage com o meio ecológico, e, conseqüentemente provoca mutações, cabe também a ele responsabilizar-se pelo equilíbrio ecológico. É nesse contexto que se estabelece o **problema de pesquisa**: Pode a família, a partir da sua experiência sistêmica, contribuir de forma efetiva para melhoria da crise ecológica?

Mediante a problemática apresentada, criar uma consciência global, de modo a transformar as relações baseadas no sistema familiar, se torna uma necessidade emergente neste século, de modo a reduzir os danos que os ecossistemas têm sofrido (BOFF, 2013). É preciso cuidar da comunidade, da vida, e ficar atento para o crescimento exponencial das agressões ao meio ambiente.

Capra (1996), já refletia sobre a questão da Ecologia e ponderava que é preciso olhar a Crise Ecológica, e visar uma nova compreensão dos sistemas vivos. Assim, o **objetivo de pesquisa** deste trabalho consiste em descobrir como a visão sistêmica pode contribuir para auxiliar a relação da família com a natureza.

A ruptura do equilíbrio ecológico é uma realidade mundial (MORIN, 2003; CAPRA, 1996; BOFF 2013). Faz-se necessário uma mudança paradigmática na sociedade de forma geral, principalmente no modo de compreender os sistemas vivos. A partir dessa ótica é que se estabelecem os objetivos específicos deste trabalho:

- Identificar as contribuições do pensamento sistêmico para as relações humanas;
- Identificar a (co) responsabilidade familiar no cuidado com a natureza.

14

Diante disso, o trabalho em questão se propõe a uma revisão de literatura disponível (BOFF, 2013; CAPRA, 1996; MORIN, 2003; SAWAIA, 2008;

VASCONCELLOS, 2006; WOLKMER; PAULITSCH, 2011;) sobre o tema proposto, buscando subsídios teóricos sobre o funcionamento do sistema familiar e sua contribuição para diminuir os impactos da Crise Ecológica, repensando o papel da família como espaço primordial no resgate da vida.

15

2 REVISÃO E LITERATURA

2.1 O Pensamento Sistêmico e a Família

A ciência psicológica apresenta-nos, nos mais diversos campos, outros olhares, tendências e contribuições sobre o ser humano e suas interações. Na tentativa de uma definição para esta ciência, podemos nos apropriar de Saramago (2008), ao refletir que cabe à psicologia a “responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam (p. 241)”. Ou seja, a ciência psicológica torna-se cada vez mais presente e relevante na contemporaneidade.

O pensamento sistêmico surge na década de 1930, como um novo paradigma em que as características chave de um sistema são a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. A partir dessa compreensão, tudo está em relação com tudo, nada está isolado e os seres coexistem com todos os outros seres do universo. Para Sanchez (2012), a Teoria Sistêmica expande a visão de adaptação individual para a mutualidade de influências através dos processos transacionais.

Para Vasconcellos (2006), o conceito de Complexidade compreende o quão interdependentes são as relações familiares. Já, a instabilidade nos convida a pensar as famílias a partir do verbo “estar”. Este princípio considera a família em movimento constante, instável, sempre passando por mudanças. A intersubjetividade, por sua vez, abarca as contribuições do Pensamento Sistêmico.

Neste processo, o profissional é também sujeito da pesquisa e sujeito ativo no experimento, logo, ele afeta e é afetado pelo objeto de estudo, buscando uma interação contínua entre as partes. O Pensamento Sistêmico

[...] explora a multidimensionalidade tem como fundo epistemológico o entrelaçamento biológico cultural do viver humano em redes de conversações. A relação entre as ciências permite compreender que toda verdade sobre o homem só pode vir da diversidade dos elementos que a constituem. A riqueza e a variedade das possibilidades de comunicação no sistema permitem compreender os significados ligados ao comportamento humano (SANCHEZ, 2012, p. 38).

Dentre suas contribuições, o pensamento sistêmico traz um olhar amplo, de cuidado, uma vez que não se volta somente para a patologia ou o sistema, mas sim para o sujeito, entendendo-o na sua história e no seu contexto (VASCONCELLOS, 2006). Segundo Osório (2013), o sistema humano nada mais é do que todo aquele conjunto de pessoas capazes de se reconhecerem em sua singularidade, exercendo uma ação interativa, em busca de um objetivo compartilhado. Tal conceito corresponde aos micros sistemas, interligados e interconectados.

16

Assim sendo, para Del Prette e Del Prette (2006), o sistema pode ser entendido como um ajuste de partes que interagem entre si para produzir um resultado. Esta visão busca compreender a reciprocidade que se dá entre as partes do sistema com todos os seus subsistemas e entorno.

Os subsistemas têm certa autonomia, mas, ao mesmo tempo, são elementos de sistemas mais amplos que buscam organizar-se para trilhar o caminho da mudança, nas partes que o constituem (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2006). É essa dinâmica do sistema e subsistema, interligados e interconectados, que propicia a organização de cada complexo sistêmico.

Para Morin (2003) “o sistema é um modelo que também se deixa modelar pelas qualidades próprias da fenomenalidade” (p.178). Liga idealismo e realismo sem se deixar encerrar por nenhum dos dois. O autor traz ainda que é essa dualidade que permite ao sistema ser tudo isso ligado na e pela organização que os transforma. Portanto, o sistema não é uma receita estática, ele oscila, precisa de proteção, de ser corrigido e guiado (MORIN, 2003).

Desta forma, Barreto (2008) afirma que todo sistema tem a capacidade de proteger-se, de buscar o equilíbrio, de crescer, pois é próprio do sistema lutar por sua organização e autonomia. Os seres vivos criam meios próprios para se manterem protegidos interna e externamente de qualquer que seja o perigo, garantindo seu desenvolvimento e homeostase. Logo, no paradigma da multiversidade, “somos todos interdependentes” (OSÓRIO, 2013, p.37).

Similarmente, na concepção de Boff e Hathaway (2012) o sistema é uma organização complexa que mantém sua identidade e está sempre condicionado a relação com seus próprios subsistemas e com o sistema maior do qual ele faz parte. Para estes autores, o sistema não tem propriedades intrínsecas, e sim características que surgem a partir das interações que estabelece. Em um sistema, todos devem trabalhar para que o mesmo possa se regenerar, e novamente, num processo contínuo.

Assim, Capra (1996) comenta que apesar de se poder identificar partes individuais nos sistemas, a natureza do Todo é sempre diferente da soma das partes. Ele define sistema como um conjunto de organismos – “sendo todos eles totalidades integradas cujas propriedades essenciais surgem das interações e da interdependência de suas partes” (CAPRA, 1996, p.44). Logo, os sistemas devem interagir como redes em todos os níveis da comunidade, da vida.

Para melhor entendimento sobre a dimensão do pensamento sistêmico, é preciso contextualizar a diferença entre a ciência tradicional e a sistêmica em termos de complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Na ciência tradicional o sujeito é excluído. Ela se desenvolveu sem tratar dos questionamentos que o incluía, não havia lugar para ele, os métodos empregados eram pura teoria e técnica (VASCONCELLOS, 2006). A autora considera que a corrente sistêmica acolhe o sujeito em toda sua complexidade, produzindo o novo paradigma da ciência, uma transformação onde o sujeito vive, vê o mundo e atua nele sistemicamente.

Sendo assim, para Vasconcellos (2006) o sistema pode trazer inúmeros conceitos para explicar a diferença que existe entre essas duas concepções do modo como fazer ciência, bem como pode mostrar a complexidade que existe ao adotar-se uma nova visão de mundo, ou seja, uma nova forma de fazer ciência e de ser um cientista. A complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade são os pilares que sustentam essa teoria, pressupostos sem os quais não seria possível a instauração do paradigma sistêmico.

A abordagem sistêmica ensina os sujeitos a perceberem-se de forma integral e sistêmica, uma vez que os seres humanos estão imersos em um conjunto de inter-relações familiares, comunitárias, sociais, com seus valores e suas crenças (BARRETO, 2008). Ou seja, todos os contextos em que se inserem os sistemas vivos fazem parte deste movimento circular.

Gomes et al. (2014) traz que o pensamento sistêmico passa a ser o substrato nas propostas de intervenções para a clínica da família. Para estas autoras a adoção dessa nova abordagem implica em entender esta família como um sistema

complexo, constituído por múltiplos subsistemas que se influenciam mutuamente. Este novo olhar para o contexto familiar deu-se a partir do século XX.

Diante da complexidade que compõe as dimensões do Pensamento Sistêmico, vê-se que ambas dependem uma da outra (VASCONCELLOS, 2006), são processos interdependentes, interconectados e em constantes transformações. De modo similar, Durand (1992) considera que todo sistema tem a necessidade de diversidade, seja nas suas relações e/ou integrações. Isso permite seu equilíbrio e sua regulação.

Desde que o mundo é mundo, a instituição familiar passou por transformações em vários momentos de sua história. Dessa forma, tentar conceituar família não é uma tarefa fácil, dada sua diversidade. Para Sawaia (2008), seu

18

conceito aparece e desaparece das teorias sociais e humanas, ora enaltecida, exaltada como provedora do corpo e da alma, ora demonizada, acusada de gênese de todos os males. A família é, portanto, diversa. Ao assumir para si muitos aspectos, ela é a mesma em qualquer lugar, contudo nunca permaneceu estática.

A família pode ser concebida como uma importante instituição responsável pelo processo de socialização, educação, e desenvolvimento de condutas adequadas de seus membros (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012). Neste sentido ela atua principalmente nas relações mútuas de cuidado consigo mesmo, com o outro e com o meio. Para estes autores, seu estudo pode ser pautado na transmissão de valores, afeto, crenças, cultura, responsabilidade e outras características intrínsecas no seu construto de transgeracionalidade, intergeracionalidade ou transmissão intergeracional.

Cabe ressaltar que a família pode ter inúmeros significados, que para cada pessoa ela pode ter um valor, uma representação, uma importância. Barreto (2008) considera que o ponto primordial do pensamento sistêmico é a finalidade, onde os sistemas interagem por um objetivo comum e não por seus diferentes conceitos.

A família é uma unidade social ou um sistema formado por um grupo de pessoas, não só com redes de parentesco, mas, fundamentalmente, com laços de afinidade, afeto e solidariedade, que vivem juntos e trabalham para satisfazer suas necessidades comuns e solucionar os seus problemas (BARRETO, 2008, p. 201). Apesar de todo marco histórico em torno do sistema familiar, Zimerman

(1997) diz que a palavra família não designa uma instituição fixa e invariável. Pelo contrário, tipos de família são constituídos sobre princípios morais e psicológicos diferentes. E ainda são contraditórios e inconciliáveis, ou seja, variam de acordo com as gerações. Vale ressaltar que segundo sua origem, apesar de ter sido muito marcada pela era patriarcal, a organização familiar não é exclusiva do homem.

Portanto, na atualidade Sanchez (2012) cogita que o grande desafio familiar é aproveitar o intercâmbio intercultural gerado pelo choque das diferentes percepções que compõem os elementos de uma família e/ou comunidade. A autora ressaltava, ainda, que os valores culturais e os vínculos interpessoais de um grupo social fazem os elementos desse grupo descobrir o sentido de pertencimento, legitimando a identidade e a inclusão.

Contudo, é preciso compreender os perigos e as oportunidades que giram em torno da família, e assim, cuidar de suas relações, pois ela é “o único grupo que promove, sem separação, a sobrevivência biológica e humana, isto é, a

sobrevivência na concepção espinozana¹ de movimento, ao mesmo tempo de conservação e expansão” (SAWAIA, 2008, p.43). Em síntese é preciso cuidar do seio familiar humano e ecológico, olhar com mais afeto para estes espaços.

As dificuldades e os problemas familiares só podem ser entendidos ou resolvidos através dessa rede complexa que envolve o desenvolvimento biológico (corpo), equilíbrio psicológico (mente e emoção) e a vida em sociedade. Ou seja, há nessa rede um mundo partilhado por uma comunicação que se faz necessária para além das relações (SANCHEZ, 2012). Nessa perspectiva a melhor forma de lidar e contribuir para as relações familiares é respeitando a individualidade e singularidade de cada indivíduo.

Contudo, grande parte da vida humana ocorre nas interações partilhadas consigo mesmo, com os outros e com o meio. Logo, os aspectos de desenvolvimento do sistema humano dar-se-ão através da composição das relações que lhe confere uma estrutura própria. Com esse olhar, Del Prette e Del Prette (2006) afirmam que o homem é um ser produtor de si mesmo e de seu *devoir*. Ele é responsável por trazer para o desenvolvimento de seus aspectos uma visão holística abrangendo e permitindo uma contínua transformação.

Neste percurso é possível dividir as funções da instituição familiar como sendo biológicas, psicológicas e sociais. De modo geral estas funções jamais podem ser entendidas separadamente. Para Osório (2013), elas estão intimamente relacionadas confundindo-se umas com as outras, tanto nas origens quanto no destino das estruturas familiares, ao longo do processo civilizatório. Ambas são igualmente necessárias para compor o processo de desenvolvimento humano e formar redes de responsabilidade.

O processo de desenvolvimento humano começa com o germinar da vida, neste sentido, Bock et al. (2001) traz que o homem se desenvolve na medida em que se relaciona com outro ser humano. Esta visão sócio-histórica atua no processo de fragilização do sujeito acreditando principalmente no seu poder de transformação.

A autora ressalta que tal movimento de interação de uns com os outros promove

¹ Para a autora, a concepção espinosana retoma o que era defendido pelo filósofo Bacon Espinosa ao afirmar que toda discussão sobre as emoções e os sentimentos é pertinente à condição humana. Esta concepção vê nas necessidades, motivações, emoções e sentimentos – todo o conjunto do que ele denominava de afetos – um aspecto central da humanidade. Alegria e tristeza representavam dois conceitos cardeais em sua tentativa de compreender o ser humano e sugerir como viver melhor. A Unidade do Corpo e da Mente: afetos, ações e paixões em espinosa.

20

socialmente a co-existência, a co-ação e a co-experiência no seu processo de desenvolvimento.

Diante dessas considerações, percebe-se nos aspectos desenvolvimentais humanos, a comunicação como sendo uma via de acesso importante na constituição familiar (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006). Ela possibilita que cada pessoa expresse suas emoções, uma vez que a subjetividade de cada indivíduo é construída a partir de seus contextos relacionais.

Os autores destacam ainda que:

A comunicação é um mecanismo essencial da vida e da evolução, a começar pela mensagem dos genes que informam, através das propriedades físico-químicas das moléculas, alterações nas suas estruturas. Na sociedade, a comunicação é responsável pela formação de extensas redes de troca social que mantém e alteram a cultura e, conseqüentemente, a realidade social (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2006, p. 63-64).

De modo similar, Peres (2005) destaca a importância dos processos de subjetivação das relações cotidianas no seio das famílias, ao afirmar que esse sujeito constitui uma relação não linear, não mecânica, mas sim, dialética. Cada sujeito age na leitura da vida de uma forma diferente, o que requer uma boa interação, compreensão e comunicação entre as partes.

2.2 Breve Retrospectiva Histórica da Crise Ecológica

Historicamente, a humanidade vem se deparando com o aceleramento da problemática sócio ambiental. Segundo Wolkmer e Paulitsch (2011), nos últimos séculos, um modelo de civilização se impôs alicerçado na industrialização, principalmente com um novo jeito de produzir do homem baseado na mecanização do trabalho e produção industrial. Ou seja, a preocupação com a crise ecológica é de fato uma realidade para as gerações passadas, para a atual e para as gerações futuras. Faz-se necessário refletir a respeito da consciência ecológica do sujeito dentro de uma ética vivencial humana. As autoras trazem ainda que a perspectiva ambiental saudável consiste em uma forma de ver o mundo pela ótica das inter-relações e interdependência. Sawaia (2008) diz que é preciso enfrentar e resistir à profunda desigualdade que existe no seio da humanidade. Só assim essa nova perspectiva, ético-política, se equivalerá às ações do homem biopsicossocial na sua luta em prol da manutenção da vida.

21

Segundo Boff e Hathaway (2012), a Terra é o lar do homem o qual faz parte de um todo maior que lhes dá condições para manter a vida, mas, é preciso degradar menos. Muitas das ações humanas parecem ir contra o processo evolutivo, para estes autores ao que parece a humanidade está determinada a destruir sistemicamente a diversidade da vida. Nesse ínterim Guattari (2011) afirma que desde sempre a natureza vive em guerra contra a vida. E reflete ainda que cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções de todos.

Em meio às crises da vida, o homem precisa repensar suas ações e tentar despertar-se de seu sono dogmático. Reconhecer este clamor é uma exigência do passado, do presente e do futuro civilizatório (OLIVEIRA e BORGES, 2008). Capra

(1996) analisa os problemas ambientais e diz que estes estão danificando a biosfera e a vida humana de uma forma alarmante. Logo, a humanidade precisa se ajudar mutuamente em prol de uma biodiversidade sadia e integral.

Consta na história também o marco de grandes reuniões mundiais que enfocaram a temática da crise ecológica. Tais como: A Convenção de Estocolmo realizada em 1972; a Eco92 ocorrida em 1992; a Rio+10 em 2002; a Rio+20 em 2012, dentre outras. Todas elas foram Conferências sobre a ecologia, o meio ambiente, desenvolvimento sustentável e entorno. Tais conferências foram organizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), com o intuito de promover o conhecimento para a sociedade a nível mundial.

Boff e Hathaway (2012) trazem como resultado destes movimentos, a Carta da Terra e destaca que a mesma é uma importante contribuição para o entendimento dos problemas sócio ecológicos enfrentados pela humanidade. Ela convida o ser humano a encarar os desafios ambientais com a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo.

Recentemente foi lançada a encíclica “Cuidado da Casa Comum” que trás como algo urgente, o desafio de proteger a natureza humana e ecológica, isso inclui a preocupação de unir a família na busca de um desenvolvimento sustentável e integral (PAPA FRANCISCO, 2015). Estes documentos, de relevância mundial, chamam a atenção para que os seres humanos pensem na questão ecológica de forma integral e universal, para além da ambiental. Aqui, torna-se necessário desenvolver uma consciência universal comum a todos.

Paralelamente a estes movimentos, vale ressaltar que também existe o lado oposto a esta visão de crise ecológica mundial. Emergem, nesse contexto, também

aqueles que se opõem a tais movimentos, ou seja, estudiosos, escritores e/ou personalidades que não enxergam problema algum a esse respeito. Neste sentido, Morin (2003) afirma que todo sistema é produto e produtor de seu próprio desenvolvimento, trazendo em si o fermento interno de sua degradação. Logo, as opiniões e visões são inúmeras, divergem e devem ser respeitadas.

Por exemplo, a ciência econômica até metade do século XX não se preocupava com o capital natural. Apesar de o cenário mostrar cada vez mais os impactos ambientais tais como mudança climática, desastres naturais, inundações, furacões, longo período de estiagem, dentre outros, para Wei-Hock Soon (2015) estes impactos não traz grandes riscos para a humanidade. Segundo documentos obtidos pelo Greenpeace em 2013 o cientista afirmou que não há evidência de que a Terra esteja mudando de forma perigosa.

Wei-Hock Soon (2015) escreve há mais de 14 anos sobre a temática do aquecimento global. Vários de seus escritos são de coautoria com Sallie Baulinas, ambos negam o risco desse aquecimento, e afirmam que este não seria causado pelas ações humanas, mas sim por variações da energia solar. Para Costa (2016) o debate sobre as mudanças climáticas coloca de um lado os interesses privados e do outro os movimentos sociais que lutam pela defesa e proteção dos ecossistemas naturais. Conforme citado anteriormente, ao ser produto e produtor de sua existência na comunidade da vida, o homem precisa encarar a urgência de olhar para a terra – sua casa – com o máximo desvelo, retirar dela somente o necessário para (sobre)viver, contrapondo à ideologia e estilo de vida puramente consumista que predomina na atualidade. Já dizia Gandhi: “a terra satisfaz as necessidades de

todos, mas não a ganância daqueles empenhados em consumir de maneira insana” (apud BOFF e HATHAWAY, 2012, p. 53). Esta se torna uma percepção emergente para o processo civilizatório.

2.2.1 Gravidade da Crise Ecológica

Ao longo de décadas tem se falado sobre a gravidade da crise ecológica. Embora tal temática seja considerada um problema público de seu tempo, o homem ainda não encontrou consenso quanto as suas implicações. Em meados dos anos 80 Capra (1996) já refletia sobre a questão da ecologia e os desafios perceptivos em olhar para essa teia da vida, como ele chamava, visando uma nova compreensão

23

dos sistemas vivos. Era uma forma de focar a realidade do planeta aos olhos humanos com relação aos sinais de desequilíbrio ecológico, ainda na década de 1990.

No âmbito das relações entre a sociedade e o meio ambiente Boff e Hathaway (2012), também expressa esse olhar de preocupação para com a ecologia. Os autores vêm nesse relacionamento entre organismos e seu meio um desgaste gradual do processo, e refletem que é preciso manter uma consciência ecológica, ou se correrá o risco de parecer que os seus valores intrínsecos dependerão somente da sua capacidade de adquirir, elevando com isso o aumento e a gravidade da crise ecológica em que se encontra o sistema planetário.

Ao encarar essa mesma preocupação com relação à gravidade da crise ecológica Morin (2003) menciona que “todo sistema traz em si o anúncio de sua própria ruína em que confluem em um dado momento a agressão externa e a

regressão interna (p.156)”. Logo, é preciso cuidar dos sistemas vivos permitindo com isso, um entendimento profundo com relação as suas próprias origens e evolução, pois a crise não só ameaça à manutenção do equilíbrio humano/ecológico, como também ameaça as suas possíveis soluções.

Barreto (2008) destaca que:

As crises vividas por um indivíduo, de uma forma ou de outra, vão ter eco, vão repercutir entre seus familiares, entre seus amigos e colegas e em uma comunidade. Por isso, é importante considerar a crise não como um fato isolado, mas como parte de um determinado contexto. A crise se manifesta nos diversos sistemas de relações (p.127).

Segundo Capra (1996), os sistemas precisam necessariamente de uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir sua sobrevivência. Do ponto de vista sistêmico, as soluções viáveis são as soluções sustentáveis, já que tal conceito se refere à necessidade de suprir-se sem prejudicar os demais. O autor traz ainda que o grande impacto que adveio dessa nova visão é entender os sistemas num contexto de um todo mais amplo, e permitir ao sujeito diante da atual situação não desistir de possuir uma educação ecológica.

A crescente industrialização aliada a um modelo econômico baseado na ganância e exploração tem provocado ao meio ambiente uma destruição sem precedentes (MATA, 2009). Logo, os sistemas têm um preço a pagar por suas ações no mundo, necessita para tanto de cuidado com a Terra. Assim, Boff (2013) destaca que tudo que se opõe ao descuido e ao descaso é o próprio cuidado, para

24

ele cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Significa ter responsabilidade e arcar com as consequências daquilo que produz.

Assim sendo, para Boff (2013) na crise atual do projeto humano, sente-se a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Não se pode deixar de lutar pelos

movimentos sociais em prol da crise, pois estes possibilitam a energia vital, que transformam a vida. Segundo este autor, o modo de vida sustentável depende fundamentalmente da ética humana. Ou seja, a interface de relação entre o ser humano e o meio ambiente implica em consequências que podem tanto ser benéficas como prejudiciais aos sistemas.

Segundo a literatura as crises são inerentes à condição humana e sempre irão repercutir as suas relações. Guattari (2011) manifesta sua indignação perante um mundo que tem se deteriorado lentamente. Para o autor os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários com: a ecologia do meio ambiente; a das relações sociais e a da subjetividade humana. Disso decorrerá uma recomposição das suas práticas individuais, sociais e ambientais para que suas evoluções sejam aceitas tais como são.

Fato é que cada vez mais tem aumentado a preocupação humana em torno da ecologia. Recentemente em Paris, a ONU (2015) promoveu uma conferência sobre mudança climática, o encontro reuniu em torno de 195 chefes de estado e líderes do mundo inteiro. O objetivo desta reunião foi firmar um pacto que visasse combater as transformações pelas quais passa o clima mundial, como por exemplo: conter as emissões de gases do efeito estufa, pois os mesmos tem prejudicado o desequilíbrio climático do planeta.

Para Ban Ki-moon (2015), o resultado deste pacto marcou um momento decisivo de transformação para a humanidade em prol de reduzir os riscos climáticos. Cada país se comprometeu em diminuir as emissões dos gases, fortalecer a resiliência e se unirem em uma causa comum para enfrentar os danos causados a natureza humano-ecológica (BAN, 2015). O acordo de Paris serviu para preparar o progresso na erradicação da pobreza, no fortalecimento da paz e na

garantia de uma vida digna e com oportunidades para todos.

2.2.2 Família como formadora do Ser Ecológico

De acordo com Sawaia (2008), ao observar e entender a família como um sistema, percebe-se nela uma estrutura complexa e imprevisível, governada por

25

regras e valores (inter)subjetivos. Para Sanchez (2012), tais regras, intrínsecas nas relações pautadas entre os membros de um determinado sistema familiar, geram novos padrões, comportamentos, crenças, limitações e barreiras.

Ao longo do ciclo da vida “o desenvolvimento humano vai tomando lugar nos processos de ações recíprocas, progressivamente, mais complexos de um organismo ativo biopsicologicamente em evolução” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 29). Logo, é preciso compreender as dificuldades políticas, sociais, econômicas, culturais, psicológicas e outras, que surgem no desenvolvimento humano, e como elas impactam sua construção subjetiva.

A partir deste enfoque, Vasconcelos (2006, p. 152), ressalta que:

Dependendo do contexto, conflitos se instalam causando desequilíbrio e reações problemáticas, que perpassam de geração para geração. Pensar a instabilidade, a irreversibilidade e a evolução, associados aos processos de auto-organização exige de nós uma ampliação de foco, um foco mais abrangente que permita incluir o tempo irreversível.

Na busca por uma compreensão do Ser em sua complexidade, a psicologia parte de diversas visões polissêmicas – abordagens conceituais – que compreendem os seres humanos por perspectivas distintas. Segundo Sanchez (2012) receber de fato uma abordagem de apoio e que acolha essas dificuldades, é fundamental. Ressalta-se que não existe uma abordagem melhor que a outra. A

melhor forma de lidar com os conflitos é respeitando o papel, o limite e o espaço de cada um nesse processo, independente da abordagem clínica utilizada.

Portanto, não é questão de adotar este ou aquele sistema. Bronfenbrenner (2011) afirma que para se vencer a atual crise ou o caos no qual se encontra a humanidade, é preciso tornar seres humanos mais humanos. Cada um fazendo sua parte de modo a contribuir para o equilíbrio da biodiversidade do planeta. “O homem é, ele próprio, um subsistema integrado em um sistema mais abrangente em contínua transformação” (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2006, p. 218). Ou seja, ele próprio compõe a sua história renovando-a ou não.

Para Volpi et al. (2008) sendo a família o primeiro grupo no qual o sujeito se insere, cabe a ela o papel de educar e conduzir o mesmo ao caminho do autoconhecimento, o que resultará na concepção e introjeção de valores morais e éticos. Apesar de fundamental para o desenvolvimento humano, a família não contribui de forma isolada para a formação moral dos indivíduos. O Ser é resultado, também, da interação dos indivíduos com os diversos sistemas e subsistemas dos

26

quais faz parte: educacional, social, cultural, religioso, econômico, entre outros (CHAVES, 2012).

Para Silva *et al.* (2012), o avanço dos estudos em família tem-se dado de forma significativa à luz do pensamento sistêmico. Isso permitirá a ela ser compreendida como um todo no seu contexto de relações e interdependência. Barreto (2008) diz que o grande desafio da família é acolher um ser dependente, frágil, precisando de proteção, e torná-lo um ser independente, autônomo, capaz de perceber sua parcela de responsabilidade com a comunidade da vida.

Para Bernardelli e Volpi (2008) a educação é um processo contínuo que sempre irá interferir diretamente nos hábitos e atitudes das pessoas, por sua vez não se restringe ao âmbito escolar, mas encontra nele um de seus principais promotores. O desenvolvimento sadio destes hábitos é que trará a possibilidade do sujeito construir uma nova identidade ecológica em prol do respeito à natureza e da vida no planeta. Para Chaves (2012), é a educação que busca formar o homem na sua história e na sua cultura.

Dessen e Polonia (2007) afirmam que a família tem um impacto significativo e uma forte influência no processo de formação do indivíduo. Como sistema social ela é responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados na sociedade. Para estas autoras ela é a matriz da aprendizagem humana. Ao tomar por base que cada sociedade tem sua própria identidade, é importante ressaltar que não existe só uma forma de educação, como o tempo não para, esta também não visto que está sujeita a transformações (CHAVES, 2012).

Perante todas estas explicações a cerca dos sistemas e seus entorno Vasconcellos (2006) traz que a visão sistêmica entende essa família dentro de um processo que é complexo, instável e intersubjetivo. Mas que se faz necessário para melhor contribuir com o desenvolvimento do mesmo. Enfim, Sawaia (2008) considera que para a família enfrentar a crise ecológica é preciso resgatar o valor do afeto em seu cerne. Para esta autora, é através da afetividade que se pode afirmar a família como espaço primordial no resgate da vida.

3 DO PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa se caracterizou por ser uma pesquisa pura ou básica, de

natureza qualitativa, bibliográfica de cunho explicativo. Como afirma Gil (1999), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado e publicado, constituído principalmente de livros, revistas e artigos científicos.

Quanto a sua abordagem qualitativo-explicativa, Marconi e Lakatos (2000) trazem que este método ao descrever a complexidade dos aspectos comportamentais humanos, preocupa-se com suas análises e interpretações.

3.1 Procedimento

Inicialmente, fez-se um levantamento sistematizado do material coletado com o objetivo de fundamentar teoricamente o trabalho e subsidiar a análise e discussões do estudo. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica as análises foram feitas através da integração dos principais subsídios teóricos disponíveis sobre o tema estudado, e por revisão metódica de literatura, onde a apresentação dos dados da pesquisa dar-se-á através da elaboração de textos reflexivos.

A integração dos dados referentes a esta pesquisa foi feita manualmente, coletada em fontes tais como: livros, revistas, monografias e artigos científicos com o intuito de encontrar respostas para o problema de pesquisa e seus objetivos. Assim os resultados estão organizados em formato de textos reflexivos e explicativos.

3.2 Dos Materiais e Instrumentos

O material utilizado para a realização deste trabalho de pesquisa se consistiu basicamente em livros, artigos científicos, revistas, monografias e outros referentes ao tema. Foram analisados artigos e publicações de diversos autores e citados exemplos cotidianos.

As buscas foram realizadas através de artigos científicos em periódicos

publicados na Internet, Google acadêmico e bases indexadas como Scielo - *Scientific Electronic Library Online*, e outros. Livros da biblioteca do CEULP/ULBRA e de terceiros.

Para seleção dos artigos, foram considerados os critérios de inclusão:

- I - Artigos publicados nas bases indexadas referenciadas;
- II - Publicados entre os anos de 2008 a 2016;
- III - Com as palavras de busca – família, pensamento sistêmico e crise ecológica.

28

A seleção dos livros foi realizada de acordo com os critérios de inclusão, tendo os mesmos sido publicados entre os anos de 1992 a 2015, considerando-se ser referente ao tema pesquisado.

Os exemplos citados foram três e consistiram-se ser sobre:

- A tragédia em Mariana – Minas Gerais, consequência da interação homem/natureza;
- A dificuldade familiar com a educação ecológica dos filhos;
- As doenças epidêmicas tais como dengue, zika vírus e outras.

29

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

4.1 Contribuições do pensamento sistêmico para as relações humanas

Conversar com estas três diferentes esferas: a psicologia; a família e a ecologia, não é uma tarefa fácil, mas, é preciso como forma de ajudar a humanidade se tornar cada vez mais solidária e menos deteriorada nos modos de vidas individuais e coletivos. Será que ela está cuidando do corpo, da mente, do espírito e do ser social que todos os seres humanos são? É preciso cuidar para não supervalorizar apenas um destes aspectos em detrimento do outro. Seria como

mutilar a grandeza do ser humano e sua convivência em sociedade.

De acordo com a visão sistêmica a humanidade vive as mudanças históricas e sociais de seu tempo, os sistemas vivem crises e buscam soluções. Logo, toda situação problema deve ser compreendida a partir do seu contexto. A abordagem sistêmica é interativa, enfatiza as relações em meio seus processos e contextos. Sistemicamente, fazem parte do “problema” todos os envolvidos na situação, ou seja, nessa interação todos afetam e são afetados.

Tendo em vista todas as explicações elencadas sobre o relacionamento do homem com a natureza, não é difícil entender a complexidade deste entorno. Do ponto de vista sistêmico, o fato é que se faz necessário uma mudança de atitude dos sistemas vivos em prol de uma melhoria mais ampla tanto no espaço quanto no tempo (p.22). A ciência é importante e está presente no ser, o que provoca a todo instante transformações e faz com que a humanidade repense seu papel no cuidado com a casa comum.

Diante disso a visão sistêmica contribui nesse processo relacional homem/natureza ao atentar-se para os sistemas do mesmo modo, pois entende que todos são importantes. A literatura reflete que este cuidado consiste em um modo de ver o mundo pela ótica das inter-relações e interdependência dos diversos elementos que constitui e mantém a vida. Tudo o que existe e vive precisa de cuidado, logo, a essência primordial do ser humano habita no cuidado de preservar-se a si mesmo, ao outro e ao meio ambiente.

Conforme mencionado no decorrer do texto, em termos práticos tudo tem relação com tudo, não existe vida sem que se cuide e se preserve sua fonte primária. Neste sentido pode-se reconhecer o cuidado como um modo de ser essencial. Poderíamos nos perguntar, finalmente, se estamos nos comprometendo

eticamente com o processo evolutivo da vida? Sistemicamente, a resposta a este questionamento emerge de uma atitude que deve ser cooperativa entre tudo e todos que constitui os sistemas.

Se tudo está relacionado, as consequências advindas da interação homem/natureza vêm refletir no estado de saúde das instituições. Por exemplo: recentemente na cidade de Mariana em Minas Gerais aconteceu uma tragédia com o rompimento de barragens – esse rompimento provocou um mar de lamas que se alastrou pela cidade, varrendo do mapa tudo a sua frente. Destruiu cidades, sonhos, lembranças e vidas. Uma catástrofe humano-ecológica capaz de obrigar o indivíduo a repensar suas ações com relação à natureza.

Diante da magnitude de um desastre como esse, a quem delegamos a culpa? E que medidas tomar para amenizar os danos? Como consta na (p.22), do ponto de vista sistêmico as soluções viáveis para problemas como este e outros, são as soluções sustentáveis. A sociedade necessita de um olhar diferente na família, educação, política, economia, espiritualidade, dentre outros, do contrário, os problemas mais graves do sistema mundial continuarão escondidos.

O ser humano tem uma grande capacidade substancial. Para a literatura, significa dizer que ele também tem sua parcela de responsabilidade com tudo que está relacionado com a comunidade da vida. Isso denota afirmar que suas ações resultam em formas dinâmicas no construto da vida (p.20). Em termos práticos este resultado pode refletir nas relações humanas de forma positiva ou negativa. Ou seja, as suas relações precisam ser regadas de maneira ética e estética, já que uma não se dar sem a outra.

Logo, não é uma tarefa fácil olhar para as relações humanas envoltas a seus desatinos e disparates, suas vitórias e desgraças. Retirar aquilo que encobre a vida implica coragem e riscos que nem sempre o homem quer encarar. Mas, este movimento é necessário se a humanidade quiser viver intensa e completa enquanto sistema vivo. O contemplar sistêmico, afirma com legitimidade o prestígio dessas atividades para a melhoria dos sistemas.

A humanidade tem diferentes instâncias e o pensamento sistêmico mostra que existe uma interdependência entre tudo e todos. Este pensamento convida o ser humano a olhar para as interações que se dão num contexto de vida, como um processo que está sempre mudando. Logo, se pretende-se compreender o homem e

31

suas relações, ambos devem ser vistos sistemicamente. Neste sentido, é importante lembrar que toda organização humana poderá ser considerada como um sistema.

A abordagem sistêmica trabalha com as pessoas, relações e sistemas humanos. Sendo assim dada a sua importância, cabe mensurar a ela uma parcela da contribuição que é dada das partes para o todo. No campo da psicologia, de acordo com a perspectiva sistêmica os sistemas devem ser vistos como estruturas organizadas hierarquicamente que precisam ser analisados na sua totalidade. Esta organização hierarquizada perpassa desde seus aspectos macro como a ordem social, as culturas, até alcançar um nível mais próximo como a escola e a família.

4.2 A (Co) Responsabilidade Familiar no Cuidado com a Natureza

O intuito deste estudo é contribuir não só para a psicologia, ecologia e afins, pois cada vez mais a sociedade tem se mostrado desconfortável com a problemática

familiar, ambiental e ecológica que o sistema planetário tem enfrentado a cada dia. Percebe-se que os mesmos estão simultaneamente, maltratando a vida em todas as suas formas. Do ponto de vista sistêmico os sistemas vivos necessitam de cuidado, respeito, ética e leveza em todos os seus planos.

No que tange ao sistema familiar trazido aqui por diversos autores não tem como negar sua importância para a geração e preservação da vida. Porém, não se pode negar que este se encontra em crise. As crises são inerentes à condição humana, ela será sempre a eterna companheira no seu processo evolutivo, não acontece por acaso e sempre fará parte de um cenário, contexto familiar, comunitário e social (p.23). De uma forma ou de outra sempre irão repercutir nas relações. Como já foi referenciado na (p.25) a família é a matriz da aprendizagem do indivíduo, é o lugar da sua formação integral, é onde ele desenvolve sua educação essencial e descobrirá que não é o centro do mundo, mas, sim parte dele. Em suma é o espaço onde o homem aprende que seus direitos terminam onde começam os direitos do outro. É no seu cerne que o ser se reconhece ao passo que esse aprendizado será essencial para uma verdadeira ecologia humana.

No que tange a (co) responsabilidade familiar no cuidado com a natureza pode-se tomar como base um simples exemplo: as dificuldades familiares com relação à educação ecológica de seus filhos, ela tem se tornado uma tarefa difícil a cada dia que passa visto que, as famílias recebem influência do meio e acaba de

certa forma por refletir muitas ideologias sociais. Em meio ao caos a família muitas vezes deixa de ensinar aos seus valores básicos, como cuidar e respeitar o meio ambiente. Às vezes o caminho é inverso e são os filhos que acabam por ensinar a

seus próprios pais a importância da educação ambiental.

Como traz o pensamento sistêmico, diante dessa realidade é importante encarar as crises da vida, resgatar o valor do afeto nas famílias, e se for possível transformar o caos em matéria-prima para o crescimento humano (p.25). E assim, poder-se afirmar que é este resgate que vai garantir o melhor aproveitamento dos potenciais humanos para que se crie uma sociedade mais harmônica e promotora de bem-estar coletivo. Cabe frisar que os sistemas familiares também tem seu lado vulnerável, pois ficam expostos as dominações do mundo.

Portanto, ao considerar que os sistemas vivos passam por transformações, e, por isso, precisam se reorganizar e se reinventar, a literatura reflete que viver em família e/ou em comunidade não é fácil, requer principalmente compreensão e comunicação entre as partes (p.19). Assim, formam-se redes de sociabilidade, afetividade, solidariedade e outros, neste sentido a família é, pois, uma instância promotora dos desígnios de seu próprio desenvolvimento como ponderam alguns autores trabalhados nesta pesquisa.

Se a sociedade tomar por base que a família pode ser vista como vítima ou algo da crise ecológica devida a sua complexa relação com o meio ambiente, não tem como negar que essa dualidade existe sistemicamente. Por exemplo: atualmente através da mídia só se fala em doenças (dengue, zika vírus e outras) que se proliferam no descuido humano. Dias atrás na cidade de Palmas – TO, uma unidade de saúde foi denunciada porque suas instalações encontravam-se em estado de calamidade com bastante foco de proliferação das mesmas.

O mundo se encontra em uma situação difícil em meio não só aos rumores dessas epidemias, mas chocado com a realidade do que a ação humana ou a falta dela pode ocasionar. Será que a sociedade tem ciência da real situação em que se

encontra? E a família, estará cumprindo com seu papel de zelar pelo meio do qual ela faz parte? A psicologia traz que os sistemas precisam comunicar-se mutuamente, pois nenhum é pior ou melhor que o outro. Sistemicamente o importante é que todos se responsabilizem por suas ações.

A literatura traz que, uma boa comunicação pressupõe interações efetivas, o que significa disponibilidade nas relações (p.19). Há ela estão veiculados tanto os

33

conteúdos positivos quanto os negativos, ou seja, a comunicação é de primordial importância na criação, transmissão e manutenção dos sistemas. Para a visão sistêmica a consciência que o ser humano tem de si é fruto de uma relação de convívio com o outro. Logo, todo comportamento é comunicação, seja ele verbal ou não-verbal na sua forma de expressão.

A pesquisa buscou destacar a importância da comunicação como um processo mediador entre o indivíduo e seu meio (p.19). Assim sendo, o resultado desse processo gera oportunidades para o sujeito desenvolver melhor as suas habilidades sociais, emocionais, ambientais, culturais dentre outras. É através do desenvolvimento dessas competências que se faz amadurecer o crescer do homem com relação à natureza. Isto requer uma boa compreensão e comunicação entre as partes.

Será que é possível olhar para as relações e buscar o entendimento de uns com os outros com o máximo de cuidado e compaixão? Diante da complexidade dos sistemas, a psicologia afirma que é preciso eleger o valor do afeto na família como forma de potencializar o homem para combater suas mazelas. A luz do pensamento sistêmico, os estudos em família tem permitido a mesma ser compreendida no seu

contexto de relações e interdependência (p.24).

Convém admitir que a crise ecológica seja também a crise do ser humano, pois o respeito e a responsabilidade devidos ao meio ambiente estão ligados intimamente com o respeito e o equilíbrio do ser humano consigo próprio. Logo, negar totalmente esta situação de desequilíbrio seria negar não somente o seu melhor senso crítico, mas sim a capacidade essencial da percepção humana.

Diante da práxis do psicólogo será que é possível gerar uma instância que se baseie na ação sobre os afetos familiares? Isto significa olhar para a Natureza, ser ela mesma sem perder o valor de ser única e, poder dispor de si e do outro para compor uma verdadeira ação coletiva. Ou seja, o ato coletivo não poderá desconsiderar o gozo individual e vice-versa. Em síntese, do ponto de vista sistêmico o sucesso da (co) responsabilidade no cuidado da casa comum depende da participação integrada de todos.

Sistemicamente é preciso considerar a complexidade dos sistemas vivos, pois eles são diversos, cada lugar, povo, país, comunidades, sociedade em geral tem seus jeitos, ritos, leis, normas, valores, crenças, culturas e etc., diferentes. Logo, estas diferenças são sumamente importantes no contexto das relações, deve ser

34

respeitadas, porque será através deste respeito que se dará o crescimento do sujeito humano/ecológico.

Desde que trabalhem para compor uma verdadeira ação integral, tanto a psicologia como o psicólogo no uso de suas atribuições poderão contribuir para a melhoria da relação entre o homem e a natureza. Teoria e prática devem encarar o desafio que se coloca - de se trabalhar uma educação para além da ambiental, que

seja crítica e inovadora. É importante lembrar que os recursos naturais se esgotam e que o principal responsável por sua degradação é o próprio ser humano.

Logo, ciente da complexidade dos sistemas vivos e partindo de muitas preocupações em torno da relação homem/natureza, cada vez mais se evidencia a necessidade de inserção da psicologia nas discussões ambientais. Esta inserção permitirá a aproximação do diálogo com a ecologia de uma forma interdisciplinar. Neste cenário o papel do terapeuta familiar é de suma importância para possibilitar o resgate no valor de unidade entre o ser humano e seu meio.

Para o pensamento sistêmico o melhor serviço que o terapeuta de família poderá prestar as pessoas, é ser ele mesmo como um ser de relações. Ao estudar ou se inserir no sistema ele mostrará aos mesmos que a realidade não é estática. Dentro da psicologia, pensar sistemicamente não significa negar os fenômenos intrapsíquicos, pelo contrário, significa trabalhar na compreensão dos fenômenos psíquicos desta ampla e complexa rede de relações interpessoais.

Não resta dúvida de que a (co) responsabilidade familiar no cuidado com a natureza envolva dimensões sociais, culturais e psíquicas. O estudo reflete que o pensamento sistêmico pode ser utilizado tanto para o embasamento teórico de uma pesquisa quanto na intervenção clínica com indivíduos, famílias e grupos sociais. Contudo que foi explanado pressupõe-se a importância dos diversos contextos e áreas do saber para defender a família como espaço gerador e cuidador em plena crise ecológica na visão sistêmica.

Portanto, sistemicamente é importante defender o resgate da família afetiva no cuidado com a natureza. E diante de todas as considerações feitas nessa pesquisa, foi de grande valia poder propor uma reflexão neste sentido, de olhar para a família como espaço que é capaz de gerar e de cuidar. O verdadeiro sentido

humano da ecologia é este – ao cuidar daquilo que é seu, automaticamente cuida-se daquilo que é do outro. Ou seja, há nesta relação uma troca recíproca que impulsiona e dá sentido a vida.

35

Como refletiu a literatura o esforço para afirmar que somente a afetividade no cerne dos sistemas humanos será capaz de resgatar a comunidade da vida, terá que partir de ambas as partes (p.25). Homem e natureza trabalhando em comunhão de todos. Enfim, contribuir de forma efetiva e afetiva para a melhoria da crise ecológica é uma grande responsabilidade no resgate da vida, compete partilhar, ser solidário, generoso e buscar o novo para si e para o próximo.

36

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão “crise” se tornou um lugar comum no seio da humanidade, vive-se marcados por crises. O desafio oposto não é evitá-las, pois elas são inerentes à condição humana. Assim sendo, só resta ao ser humano encará-las com o objetivo de alcançar uma mudança global. Como a vida é dinâmica, o indivíduo sempre passará por crises, o que acaba por gerar uma grande preocupação em torno da problemática relacional da família com a natureza.

Há um aceleração na grande máquina do sistema, avanços tecnológicos, consumo exacerbado, fracassos políticos, economia ruim, livre acesso à informação, interconexão, culturas sendo esmagadas entre outros. Tudo isso traz consequências para os sistemas, que podem ser vistas como boas ou ruins, cabe à sociedade repensar seus hábitos com relação à preservação do planeta. Entende-se que este

planeta precisa de um resgate nas suas relações fundamentais.

Ao compreender a psicologia como uma ciência que se ocupa dos processos humanos, logo, é fundamental que a mesma não fique de fora de discussões como esta. A ciência psicológica deve se apropriar desse intermédio e lançar sobre o ser humano um novo olhar do ponto de vista biopsicossocial, cultural, ecológico e espiritual. A comunidade da vida requer uma revalorização nos seus processos e para isso, precisa contar com a colaboração de todas as áreas da ciência, pois nenhuma é melhor ou pior que a outra.

Os seres vivos precisam ser olhados com amor com a arte ético-estética que os envolve e que compreende suas transformações. O ponto de partida para essa compreensão é eles assumirem a responsabilidade sobre o seu processo evolutivo. Essa consciência é importante na constituição do ser humano, pois mostra seu caráter para além da unidade. Enfim, estetizar a vida é expressá-la, é defender a jovialidade da sua própria existência.

Do jeito que está à natureza vem perdendo sua beleza numa crescente que flui permeada de adversidades. O problema é que quase sempre se abre mão de converter aquilo que é obstáculo e adverso em recurso de superação. Logo, nesse fenômeno que é a vida não se pode perder o estímulo, o motivo e a força que guiará o ser humano há uma verdadeira mudança. Do ponto de vista sistêmico as ações mundanas do indivíduo precisam ser revistas.

Enfim, cabe trazer a reflexão sobre como a sociedade está contribuindo para o equilíbrio da sua relação com o meio ambiente? A literatura mostrou que diante da

diversidade, cada pessoa age na leitura da realidade de uma forma diferente. Diante

da problemática apresentada pode-se concluir que os objetivos desta pesquisa foram cumpridos, e fica a disposição de outros pesquisadores para consulta a respeito do tema.

Apesar de todos os estudos já existentes, é importante que se façam mais, no intuito de que, quanto mais riqueza de informação maior contribuição pode-se deixar de melhoria para os sistemas. As pesquisas mostram que há um mundo em transformação e que indispensavelmente, as transformações dependerão da reforma das relações. Cuidar das interações humanas se revelou a chave para a própria sobrevivência.

38

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como Preparar Trabalhos para Cursos de Pós-Graduação**: noções práticas. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BAN, Ki-moon. **Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática**. COP21 ONU Brasil, 2015. Disponível em: www.nacoesunidas.org/cop21/. Acesso em: 02 Fev. 2016.

BAPTISTA, Makilim Nunes; CARDOSO, Hugo Ferrari; GOMES, Juliana Oliveira. Intergeneracionalidade familiar. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L.M.,(Orgs). **Psicologia de Família**: teoria, avaliação e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária**: passo a passo. 3. ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

BERNARDELLI, Marlize Spagolla; VOLPI, José Henrique. **Educação Ambiental e Ecopsicologia Reichiana**: uma proposta cidadã para a formação de uma nova identidade ecológica. In: Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil/Latino América, XIII, VIII, II, 2008. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: 13 Out. 2015.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça; FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** 19. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Mark. **O Tao da Libertação: explorando a ecologia da transformação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1996.

Cientistas Opositores. **A Crise do Clima e a COP-21: uma tragédia anunciada.** Revista ECO°21. 220 ed. Disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=3524>. Acesso em: 14 Jan. 2016

COSTA, Heitor Scalabrini. **Mudanças Climáticas versus Interesses Privados.** In: Portal Ecodebate 8/01/2016. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2016/01/08/mudancas-climaticas-versus-interesses-privados-artigo-de-heitor-scalabrini-costa/>. Acesso em: 15 Jan. 2016.

CHAVES, Maria Eliza Pereira. **Educação Familiar e Formação Humana Integral.** Campina Grande: Realize, 2012.

39

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **Psicologia das Relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo.** 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como Contextos de Desenvolvimento Humano.** Brasília, DF. 2007. Disponível em: www.scielo.br/paideia. Acesso em: 13 Out. 2015.

DURAND, Daniel. **A Sistêmica**. 5. ed. Coleção Fundamental das Ciências Humanas: dirigida pelo prof. Pierre Vayer. Dinalivro, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Lauren Beltrão; BOLZE, Simone Dill Azeredo; BUENO, Rovana Kinas; CREPALDI, Maria Aparecida. **As Origens do Pensamento Sistêmico: das partes para o todo. Pensando família**. vol.18 n. 2. Porto Alegre dez. 2014. Disponível em: http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002. Acesso em: 28 Dez. 2015.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. 21. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MATA, Valdísia Pereira da. **A Defesa do Meio Ambiente Ecologicamente Equilibrado como um Direito Humano necessário à Vida**. 2009. Disponível em: www.fesmip.org.br. Acesso em: 12 Abr. 2015.

MORIN, Edgar. **O Método. 1. A Natureza da Natureza**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

OLIVEIRA, Jelson; BORGES, Wilton. **Ética de Gaia: ensaios de ética socioambiental**. São Paulo: Paulus, 2008.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como Trabalhar com Sistemas Humanos: grupos, casais e famílias, empresas**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica LAUDATO SI'** sobre o cuidado da casa comum. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

PERES, Vanúzia Leal A. O estudo da subjetividade na família: desafios metodológicos. In: REY, Fernando González. (Orgs) **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005.

SANCHEZ, Fátima Abad. A família na visão sistêmica. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M., (Orgs). **Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAWAIA, Bader B. Família e Afetividade: a configuração de uma práxis ético- política, perigos e oportunidades. In: ACOSTA, A.; VITALE, M., (Orgs). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.

SILVA, Simone Souza da Costa; et al. Família ribeirinha: um estudo de suas relações. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M., (Orgs). **Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006.

VOLPI, Jose Henrique; FLORIANI, Dimas; LESZCZYNSKI, Sonia Ana Charchut. **Ecopsicologia: Fundamentos epistemológicos de uma ciência interdisciplinar**. In: Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil/Latino-América, XIII, VIII, II, 2008. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: 13 Out. 2015.

WOLKMER, Maria de Fátima Schumacher; PAULITSCH, Nicole da Silva. **Ética Ambiental e Crise Ecológica: reflexões necessárias em busca da sustentabilidade**. Veredas do Direito, v.8. n.16. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/222>. Acesso em: 17 Mai. 2015.

ZIMERMAN, D. **Como Trabalhamos com Grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.